

UM ÉDIPO

ARMANDO NASCIMENTO ROSA



CASA DO SUL
DESDE 1998

TEATRO

capa
egora - criação de imagem, lda
sobre tela de
Giorgio de Chirico
(As Costas da Tessália, 1926. Coleção privada)

transcrição para partitura
Paulo Jorge Pires

© *Armando Nascimento Rosa*
publicado por Casa do Sul Editora
apartado 2181 7001-901 Évora

isbn: 972-8661-10-x
depósito legal: 197469/03

impressão e acabamento
Tipografia Lousanense, lda.

LF 1351

Armando Nascimento Rosa

UM ÉDIPO

mitodrama fantasmático em um acto

ULFL 159870



16-6-2014

Casa do Sul

ÉDIPO, REFLEXO DA ESCRITA

Édipo, o dos pés inchados, do aperto das cordas de criança exposta, abandonada à maldição; depois mais tarde, na velhice, os pés que se adivinham macerados do cego e perpétuo caminhante, rumo ao repouso de Colono. A prisão da infância, o ludíbrio da juventude, e a liberação da velhice, quando na sua noite biocronológica o animal humano passa a ter três pés, sendo um deles prótese do corpo declinante. O díptico sofociano de Édipo identifica a vida do protagonista com a tragicidade inteira, enquanto a morte é evasão ao capricho dos fados. Para Édipo, a morte não é já o pior dos males. A consciência de uma culpa cósmica, situada para além da vontade subjectiva dos mortais, paralisa Édipo; é isso que o cega e atemoriza. Se o herói não tem mão no seu destino, então bem pode mutilar a visão física, porque o seu discernimento não melhorará com a nitidez dos olhos. Ele subtrai-se aos vivos, adiado que está ainda do mundo dos mortos, e inaugura o espaço do limbo na superfície do solo ático. «*Abdica. Sé rei de ti próprio*», dirá o gnóstico Pessoa ao Édipo que reina, na nossa ilusão externa, a ignorar-se a si mesmo.

Mas ao consumir-se o desfecho da sua desdita, Édipo torna-se em figura teatral proto-platónica: uma daquelas personagens pedagógicas reclamadas pelo filósofo para os palcos da sua *República*; capazes de suscitarem o exercício do *logos*, e não o despoletar sem freio das paixões de Dioniso, que sacodem a carne. O gesto de cegar-se, para o homem que copulou e procriou com a mãe, é um acto literal de castração simbólica (e não deixa de ser curioso que Sófocles surja citado em diálogos iniciais da *República* a lamentar-se com ironia pela impotência fálica trazida pela velhice: é Dioniso que abandona a morada do corpo do poeta, em troca do Hades, assim como o *seu Édipo*